

Uma tarde com três Dias

Dom.
25/1/57

por Afonso Zitha

«Esconder as nossas ideias é não falar, não actuar, numa palavra NAO VIVER. (...) Vocês querem que eu não viva?»

JOAO DIAS

Adoro a chuva fresca numa tarde húmida de Janeiro.

...E vi Dias assim.

...Três Dias, Johnny.

Três!

Numa tarde só.

Também adoro as tardes cinzentas que, mesmo não prometendo chuva, evitam a insolação.

...E vi Dias assim.

Uma: Belita.

(Ó Belita, ó mulher santa, tu, que pariste esse rebelde escritor, que tributo te pagar?)

Belita: a que te tratava por Joãozinho.

Eu fiquei amando-a — Johnny, quanta moça de 19 anos invejaria os dentes dela? E o seu porte? E a can-dura do seu sorriso? E o seu olhar, benigno?

Outrossim, adoro as plantas sedentas que acolhem com sorrisos a chuva miudinha.

...E vi Dias assim.

Bibi.

A tua mana Bibi.

Johnny, ela é outro amor, toda sorrisos; toda atenção.

E Tite?

Adoro as andorinhas que saúdam as bâtegas de chuva com alegres piruetas.

E vi Dias assim.

Tite.

Pujante de força e vontade abre a porta à visita traz o álbum das fotos da família (Johnny, vi o teu retrato de «mufana» aos três anos).

Tite, a mais nova das tuas

manas, traz a colecção de jornais amarelecidos pelo tempo e revistas que falam da obra ou da vida de João Dias — é assim que te conhecem os leitores, né?

Tite, Bibi, Belita.

Três Dias.

Chalaceámos, discutimos as tuas ideias.

...Numa tarde.

Falámos de ti, vimos passagens de cartas tuas escritas entre 1946 e 1948.

E lembras-te, Johnny? Numa das missivas endereçadas à família, prometias remeter o «Conto Sobre o Natal».

(A propósito de contos: sabias que do teu livro «Goddido e Outros Contos» só localizámos dois exemplares, um no Arquivo Histórico e outro com as três Dias? — Até a Associação dos Escritores não possui nenhum:)

Retomando o fio à nossa conversa: terias esquecido a promessa de mandar o «Conto Sobre o Natal» à família?

Eu penso que sim (Johnny, tu sempre disseste que «um homem pensa e tem necessariamente que falar — se não for mudo»).

Eu penso que sim, esqueciste a tua promessa. Contudo, graças ao empenho daquele historiador, o Dr. Cipriano Kwilimbe, a «JD» localizou o «Conto Sobre o Natal» numa revista «Tenipo».

Para as três Dias tal promessa era inédita, Johnny. De outro modo, como explicar a ânsia delas em «bebê-la»?

Porém...

...Numa tarde.

(Quase 40 anos depois da promessa).

A Brigada João Dias fez uma sessão de apresentação do dito conto bem

como dos teus traços biográficos de domínio público.

...E assim elas ficaram conhecendo o escrito.

Até veio a calhar, pois era o «Conto Sobre o Natal» e apenas passava um dia depois da festa!

A coisa foi emocionante.

...Trinta e sete anos após a tua partida!

...Com três Dias.

Tite, Bibi, Belita.

A tarde foi diferente.

Lá voltaremos, à casa que te viu nascer, por causa dos compromissos que selámos com três Dias.

Elas prometeram levar a «JD» à tua morada.

A Brigada João Dias vem aí, Johnny.

A tua morada.

...Trinta e sete anos após a tua partida!

A «JD» vem.

...Ao Cemitério de S. Francisco Xavier.

...Um destes dias.

...Com três Dias.

Espera-nos, Johnny?

PS

Tenho certeza absoluta de que a família não comungava das tuas ideias.

Também não sou compreendido, Johnny, tanto assim que a visita de trabalho à tua família suscitou zangas à minha namorada, pois nunca tenho tempo para ela — diz a moça.

Johnny, sei uma coisa: que hoje, quase 40 anos após a tua viagem sem regresso, pelo menos a tua família e a «JD» já tentam compreender-te.

Diz-me: será que quem aposta na literatura só é compreendido pelas pessoas quando ele já não pode compreendê-las. Johnny?